

Colonização Ítalo-brasileira, Teuto-brasileira e Teuto-russa no Oeste de Santa Catarina

A atuação da CIA. Territorial Sul Brasil

*Alceu Antonio Werlang **

Introdução

Este trabalho é um capítulo da dissertação de mestrado em História defendido na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC em 1992, denominada: Uma colonização às margens do Rio Uruguai: Companhia Sul Brasil (1925/54).

Este capítulo trata da colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul, e a sua expansão para o Oeste Catarinense, bem como da colonização teuto-russa na área colonizada pela Cia. Sul Brasil.

Vários foram os fatores que me levaram a estudar a colonização do Oeste Catarinense a partir da atuação da Cia. Sul Brasil. Meus pais compraram terra desta colonizadora e para mim muitas perguntas ficaram sem resposta. De quem a colonizadora tinha conseguido as terras? Por que os alemães católicos, alemães evangélicos, teuto-russos e italianos foram agrupados em áreas diferentes? Por que esta região foi colonizada basicamente por gaúchos? Que tratamento foi dispensado ao índio e ao caboclo?

*Professor do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UNOESC - Chapecó. Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Na presente pesquisa, além de estudo bibliográfico, foi utilizada farta documentação da Companhia Territorial Sul Brasil e depoimentos produzidos através da técnica da História Oral, entre outros.

O processo de colonização efetuado pela Companhia Territorial Sul Brasil é importante tanto pela quantidade de colonos envolvidos como pela política de colonização. A mesma, introduziu, em áreas distintas, teuto-brasileiros católicos e luteranos, italo-brasileiros católicos, e teuto-russos católicos e luteranos. A Cia. Territorial Sul Brasil foi criada na cidade de Porto Alegre, em 23 de maio de 1925, com o objetivo de suceder à Empresa Construtora e Colonizadora Oeste Catarinense Ltda, que havia iniciado o processo de colonização em 1921.

A Companhia Sul Brasil foi organizada a partir da perspectiva de lucros que o oeste catarinense acenava, através da comercialização das terras férteis e da madeira nelas encontradas em grande quantidade. A falta de experiência nesta atividade levou a colonizadora a contratar para diretor-gerente, o Sr. Carlos Culmey, que já havia dirigido várias colonizadoras no Rio Grande do Sul e na Argentina.

1. A colonização alemã e italiana no Rio Grande do Sul

O fenômeno migratório europeu está ligado às transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram com a expansão do capitalismo e as novas formas de produção por ele adotadas¹.

¹ GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: **Rio Grande do Sul: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 47.

Com a abolição da posse feudal da terra, o antigo servo teve acesso à terra sob a condição de ceder um terço do imóvel. Com isso, muitos ficaram com terra insuficiente para sua subsistência, outros iam chegando ao minifúndio devido ao fracionamento efetuado pelas heranças². Por outro lado, na Alemanha, a industrialização deu-se apenas a partir de 1870, sendo, na época, muito incipiente para absorver este excedente populacional.

Na medida que a indústria começou a absorver a mão de obra camponesa, passou a arruinar artesãos e trabalhadores da indústria doméstica que não tiveram como resistir à concorrência das grandes empresas. Se, por um lado, num primeiro momento, a emigração se fez frente ao atraso em que se encontrava a Alemanha em relação à Revolução Industrial, numa segunda fase, ela foi propiciada pelo excedente populacional advindo do desenvolvimento industrial; do crescimento demográfico e das crises de conjuntura econômica³.

Na Itália o processo se deu de forma semelhante à Alemanha, embora a liberação de imigrantes tenha sido menor no primeiro período. O auge da crise sócio-econômica da Itália começou a partir de 1850.

A liberação da mão de obra europeia pela revolução industrial coincidiu com a grande necessidade de mão de obra no Brasil. A partir de meados do século XIX, a imigração passou a ser incentivada no Brasil como forma de substituir a mão de obra africana. O sistema escravocrata tornou-se um obstáculo para o desenvolvimento do modo de produção capitalista, para o qual é imprescindível uma mão de obra livre, não apenas capaz de vender sua força de trabalho, mas também o de criar um mercado consumidor.

² BONI, Luis Alberto e COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Vozes, 1979. p. 37.

³ LANDO, Aldair Marli, BARROS, Eliane Cruxen. Capitalismo e colonização. Os alemães no Rio Grande do Sul. In: **Rio Grande do Sul: imigração e colonização**. Porto Alegre: Vozes, 1980. p. 46.

A partir do decreto número 6.129 de 23 de fevereiro de 1876, que organizou a Inspetoria Geral das Terras, foi desencadeado o fluxo de europeus para o Brasil. Segundo Caio Prado Júnior, houveram dois tipos de imigração para o Brasil: uma de iniciativa oficial, que objetivava povoar zonas desocupadas, geralmente longe dos latifúndios; e a outra particular, que buscava mão de obra para o latifúndio, em substituição da mão de obra escrava⁴.

A partir de 1870, a imigração italiana passou a ser intensificada com o aumento da produção do café brasileiro, bem como, pela situação sócio-política da Itália⁵. Contribuíram para este grande fluxo italiano, a política de redução da imigração adotada pelos Estados Unidos e as restrições feitas pelo governo alemão em relação à vinda de imigrantes alemães ao Brasil.

Nesse período, a maioria dos imigrantes destinavam-se às fazendas de café. Sem acesso à propriedade, acabaram submetidos a uma escravidão camuflada pelos proprietários do café. Os demais, vindos para os três Estados do Sul, na sua maioria, tiveram acesso à terra, apesar das dificuldades que passaram.

“... a imigração italiana permitiu a entrada de diferentes camadas populacionais; colonos que se estabeleceram em pequenas propriedades; trabalhadores para as fazendas de café em São Paulo, no regime de colonato; técnicos e operários para o parque fabril incipiente, à época.”⁶

⁴ PRADO JR., Caio. **História econômica do Brasil** 12.ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 19.

⁵ GIRON, Loraine. Op. Cit. p. 19.

⁶ RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarina** Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. p. 117.

Os colonos que se estabeleceram em pequenas propriedades, destinavam-se, na sua maioria, a região sul do país, ocupando áreas que na época não interessavam ao latifúndio pecuário. O latifúndio exportador, temendo que os produtos dos colonos pudessem vir concorrer com eles no mercado internacional, não desejavam a colonização em regiões próximas aos cafezais. Por isso, a colonização deveria se localizar em áreas não propícias às culturas desenvolvidas pelos latifúndios voltados à exportação. Assim, se entende porque a colonização só teve êxito nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

BATTISTEL cita, entre os objetivos da colonização brasileira do século XIX, o branqueamento da raça, temendo-se uma insurreição negra e a formação de um exército brasileiro para combater os últimos focos de forças portuguesas. Entre 1824 e 1830, chegaram cerca de 2500 soldados, engajados no Rio de Janeiro, que haviam sido alistados como colonos na Alemanha ⁷.

Os colonos que se dirigiam para o Rio Grande do Sul localizavam-se na região das matas, terras que não interessavam, até então, ao latifúndio pecuário. Instalados em pequenas propriedades, passaram a produzir gêneros alimentícios para abastecer o mercado nacional, sem representarem ameaça à hegemonia política e econômica do latifúndio pecuário ⁸.

A colonização alemã ocupou, no Rio Grande do Sul, os vales dos rios da Depressão Central, interrompendo-se nas encostas inferiores da Serra Geral. A encosta superior foi ocupada posteriormente pelos italianos. A colonização oficial do Rio Grande do Sul iniciou em 1824 às margens do Rio dos Sinos, com a fundação de São Leopoldo.

⁷BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia italiana: religião e costumes**. Porto Alegre: Grafosul, 1981. p. 15.

⁸LANDO, A, BARROS E. Op. Cit. p. 20.

De 1830 à 1844, o governo alemão proibiu a emigração para o Brasil alegando maus tratos aos emigrantes. A colonização foi retomada depois de 1844, expandindo-se por Novo Hamburgo, Lageado, Estrela, Montenegro, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Santa Maria, Santo Ângelo, Torres e São Lourenço, através das colônias oficiais e particulares.⁹

Já a colonização italiana teve impulso em 1870, quando da criação das colônias de Bento Gonçalves e Garibaldi, seguidas de Caxias em 1875, Silveira Martins, Mariana Pimentel e Barão do Triunfo em 1887 e, no ano seguinte, Antonio Prado e Guarani¹⁰. Estas colônias foram povoadas com imigrantes italianos a partir da assinatura do contrato do governo gaúcho com quatro companhias que se comprometeram em instalar quatro mil colonos/ano num espaço de dez anos. De 1893 a 1895, a colonização foi interrompida devido a Revolução Federalista. A partir de 1909, a imigração para o Rio Grande do Sul cresceu aceleradamente devido à crise no setor cafeeiro, que reduziu o número de migrantes para São Paulo. E em 13 de julho de 1914 foi publicado o decreto do governo gaúcho terminando com a colonização italiana. O Rio Grande do Sul foi o Estado que mais recebeu imigrantes alemães e italianos destinados à pequena propriedade.

⁹ MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 107

¹⁰ GIRON, L. Op. Cit. p. 62.

A assimilação dos imigrantes italianos e alemães foi bastante difícil, uma vez que os mesmos não estavam integrados econômica, social e politicamente à província. A preocupação do governo estadual era apenas receber o pagamento dos impostos e votos no dia das eleições, o que conseguia com grande facilidade. Caso não recebesse os votos, o intendente eleito pela colônia era afastado, sendo nomeado outro em seu lugar. A dominação política era facilitada, pois na Europa esta atividade era exercida pelas classes nobres e posteriormente pela burguesia. Com o passar dos anos, entre os alemães formou-se uma classe média autônoma, que teve participação política significativa nos movimentos da Província e, em muitos movimentos de repercussão nacional¹¹.

Esta classe média surgiu com o acúmulo dos lucros provindos do comércio nas colônias alemãs e, posteriormente, nas colônias italianas. A grande maioria da população, no entanto, foi expropriada, dirigindo-se às novas frentes agrícolas. Após a Revolução Federalista, os imigrantes alemães e italianos iniciaram a colonização no Alto Uruguai, criando núcleos desde Marcelino Ramos até o Rio Ijuí. Este fluxo migratório passou o Rio Uruguai, iniciando a colonização do Oeste Catarinense.

2. Causas da expansão gaúcha para o Oeste Catarinense

MOURE afirma que:

¹¹ LANDO, A, BARROS E. Op. Cit. p.32

“... o minifúndio, era expropriado. Seja pelo esgotamento do solo, ou pela utilização de técnicas rudimentares de cultivo, ou ainda pela proliferação de pequenas propriedades cada vez menores, as condições de subsistência interna do minifúndio eram minimizadas levando o pequeno proprietário e sua família a oferecer um trabalho assalariado, quando as condições possibilitavam, ou migrar para outra área do país¹²

O esgotamento do solo foi uma das principais causas apontadas pelos entrevistados quando perguntados sobre o motivo que os levou a sair do Rio Grande do Sul. O valor do adubo orgânico não era conhecido na recuperação das terras. Segundo HOSS as terras somente produziam cana-de-açúcar, mas que o serviço era árduo, pois além de a safra ser no inverno, a colheita deveria ser feita imediatamente após a queima da geadas sob o risco de a cana azedar¹³. Vários foram os colonos que deixaram suas terras no Rio Grande do Sul em busca de terras mais férteis em Santa Catarina.

“Aqui era puro mato, terra boa. Comprei uma colônia. Aqui era 36 hectare, lá era 7 a 8 hectare. O pessoal tinha pouca terra, terra cansada, fraca¹⁴

¹² MOURE, Telmo. Op. Cit. p. 107

¹³ Entrevista com HOSS, Ervino. Santa Lucia, Palmitos 12/01/91.

¹⁴ Entrevista com SEBASTIANI, Pedro. Linha Moraes-São Carlos 09/01/91

A fragmentação da propriedade foi outra causa da vinda de famílias gaúchas a Santa Catarina. Propriedades retalhadas e com baixa produtividade dificultavam o sustento da família, geralmente numerosa. Como as terras já não podiam mais ser divididas sob pena de inviabilizá-las economicamente, a alternativa encontrada foi a migração. Era comum famílias numerosas venderem seu pequeno lote, por não mais garantir o sustento da família. Além disso havia a preocupação dos pais de viabilizar o futuro dos filhos. Como na época não havia condições para os filhos estudarem e ingressarem em outras atividades a solução era conseguir mais terras. O que no Rio Grande do Sul, não era fácil de conseguir para quem não tivesse dinheiro¹⁵. RENK, resume assim a problemática do fracionamento do solo:

“por ser pequena propriedade, ela favorecia a aquisição de terras permitindo um maior número de imigrantes povoasse o solo. A dificuldade, no entanto, ocorre no momento de assegurar a reprodução da geração seguinte na mesma condição de pequeno proprietário. O fracionamento do solo, em certa medida, teve de ser evitado, sob pena de inviabilizá-lo economicamente”¹⁶

Já os entrevistados de origem italiana, vindos da região serrana do Rio Grande do Sul, apontam as terras acidentadas como um dos principais fatores de emigração. Os grandes declives contribuíram para acelerar o esgotamento do solo. A erosão era comum nessas terras inviabilizando a propriedade antes de ser fracionada. A dificuldade de cultivá-la e o esgotamento do solo resultava no abandono da propriedade.

¹⁵ Entrevista com RIZZI, C. Santo Antônio - Caíbi, 15/01/91.

¹⁶ RENK, A. Op. Cit. p. 119

Há outras causas isoladas que contribuíram para a migração à Santa Catarina, como é o caso da má distribuição dos lotes e a existência de formigas.

THESSING afirma que as propriedades eram compridas e estreitas, tendo lavouras a dois quilômetros longe de casa, dificultando o trabalho uma vez que o produto era transportado com carroças¹⁷. A existência da saúva é também apontada como a causa da emigração. Segundo KOEHLER, sua saída de São Sebastião do Caí deve-se às formigas. Conta que seu pai plantou videiras e que depois de 13 anos, ainda não haviam produzido uvas, pois quando crescia alguma coisa, a formiga comia tudo. Não conseguiram matá-las, apesar de terem aplicado venenos¹⁸.

Outro fator de descapitalização de grande parte dos colonos gaúchos, segundo MOURE, foi a transformação industrial das matérias primas produzidas pelo minifúndio na zona colonial, que construiu, mecanismos de subordinação da pequena propriedade ao capital. O autor conclui que o minifúndio foi expropriado pela própria indústria que surgiu a partir do minifúndio¹⁹. Esta descapitalização impedia o colono de adquirir mais terras na própria região, indo então em busca de outras mais baratas. No oeste catarinense podiam comprar a terra em prestações, e a um preço inferior. Observando-se os contratos de compra e venda das terras da Cia. Sul Brasil, percebe-se que são poucos os que conseguiam liquidar as terras no ato da compra. Alguns, porque haviam vendido seus bens a prazo no Rio Grande do Sul, mas grande parte dependia da produção nos novos lotes para efetuar o pagamento.

¹⁷ Entrevista com THESSING, Arthur. Pratas - São Carlos, 11/01/91

¹⁸ Entrevista com KOEHLER, Rodolfo. Três Pinheiros - Palmitos, 18/01/91

¹⁹ MOURE, Telmo. Op. Cit. p. 113

A partir de 1950 a mecanização da lavoura gaúcha passou a contribuir significativamente para aumentar a migração, ao liberar mão de obra, absorvida, num primeiro momento, por Santa Catarina, seguida do Paraná e Mato Grosso. O maior fluxo populacional gaúcho à Santa Catarina, se deu de 1920 a 1960, quando passou a atingir outros estados brasileiros. Nesse período, a diferença entre o crescimento percentual da população do Rio Grande do Sul e Santa Catarina deve-se a este fluxo migratório. Enquanto que o primeiro teve um crescimento de 145%, o último chegou a 216%²⁰.

3. Fluxo populacional entre 1922 a 1954 - Cia. Sul Brasil

O objetivo deste tópico é estudar o fluxo populacional ocorrido entre 1922, início da colonização, até 1954, quando da implantação dos dois primeiros municípios nas terras colonizadas pela Cia Territorial Sul Brasil. Até 1954, os distritos de São Carlos e Palmitos englobavam praticamente toda gleba colonizada pela Sul Brasil. Somente o atual município de Riqueza passou a pertencer a Mondaí, por se localizar próximo do mesmo. Por outro lado, o atual município de Nova Erechim pertencia ao município de São Carlos, apesar de não ter sido colonizado pela Sul Brasil. Atualmente são 18 os municípios localizados na área colonizada pela Sul Brasil.

Os documentos que, à primeira vista, poderiam ser usados para o estudo do fluxo migratório nesse período seriam os contratos de compra e venda de terras. Observa-se no entanto que grande parte dos contratos deles foram rescindidos. Algumas famílias deixaram a região sem conseguir pagar a primeira parcela. Outros, chegaram a dar o sinal de entrada, mas acabaram abandonando a terra ou nem se instalaram nela.

²⁰ IBGE. *Anuário estatístico*. População recenseada e estimada, 1960.

Era comum também a compra de mais de um lote por família, por isto estes contratos não reproduziam com fidelidade a quantidade de lotes vendidos e nem o número de famílias aqui introduzidas.

Outra documentação disponível são os livros de registros das escrituras. Como a escritura só era lavrada no ato de conclusão do pagamento da terra, esta documentação não dá uma idéia do número de famílias que ali se instalaram. Porém, o número de escrituras fecha com o número de lotes efetivamente vendidos pela colonizadora. Não necessariamente o número de famílias instaladas, pois havia colonos que compraram mais de um lote. Contudo há, em diferentes relatórios da Companhia, estimativas quanto ao número de famílias introduzidas, como veremos adiante.

QUADRO 01

Número de lotes escriturados pela Cia. Sul Brasil - 1922/54

ANO	LOTES	ANO	LOTES
1922	04	1939	207
1923	24	1940	233
1924	36	1941	101
1925	55	1942	33
1926	219	1943	36
1927	130	1944	102
1928	77	1945	263
1929	95	1946	319
1930	97	1947	769
1931	32	1948	1111
1932	113	1949	656
1933	43	1950	289
1934	22	1951	345
1935	19	1952	152
1936	101	1953	136
1937	115	1954	392
1938	384	TOTAL	6710

FONTE: Livro de registro das escrituras, nº 1, 2, 3. Cia Sul Brasil. Museu Pe. Fernando Nagel. Maravilha - SC.

Até meados de 1925, os lotes foram vendidos pela Empresa Construtora e Colonizadora Oeste Catarinense. O primeiro lote escriturado pela Cia. Oeste Catarinense data de 28 de julho de 1922 e o primeiro lote escriturado pela Cia. Sul Brasil ocorreu em 23 de setembro de 1925. A Empresa Oeste Catarinense, nos seus quatro anos de atuação, escriturou 64 propriedades. Portanto, já havia iniciado o processo de colonização, que foi continuado pela Cia. Sul Brasil, que já em 1925 escriturou outros 55 lotes de terra. Em 1926, este número subiu para 219, o maior número alcançado até 1938.

A principal causa desta queda, até 1930, é atribuída aos distúrbios políticos ocorridos no Rio Grande do Sul que, dificultaram a passagem das famílias à região.

A Cia. Sul Brasil atribui o baixo número de lotes vendidos até 1938 a fatores externos:

“As sucessivas perturbações de ordem pública e a tensão das parcialidades políticas, que desencadearam ódios e mantinham apreensões, desde 1923 até 1936, sobretudo no Estado do Rio Grande do Sul, de onde provinham, principalmente, os colonos que procuravam as nossas terras foram o motivo primordial do retardamento da obra colonizadora²¹ .

A crise mundial de 1929, também dificultou a colonização. Até 1936 os efeitos desta crise se fizeram sentir tanto no Oeste Catarinense como em todo o Rio Grande do Sul.

²¹ Relatório da Cia. Territorial Sul Brasil... 1938.

Pelo quadro 02, podemos observar que nesse período tanto o número de lotes vendidos como o de escriturados é baixo. Na medida em que a crise econômica foi superada no Rio Grande do Sul, cresce o número de lotes vendidos e escriturados. No quadro em questão, pode-se, ainda, observar que o número de lotes vendidos nesse período, é inferior ao número de lotes escriturados. O contrário do que ocorre nos demais períodos.

Quadro 02

Relação entre o número de lotes vendidos e escriturados
1933 - 1937

ANO	Lotes Vendidos	Lotes Escriturados
1933	20	43
1934	12	22
1935	16	19
1936	51	101
1937	96	115
TOTAL	195	300

FONTE: Relatório de exposição dos trabalhos da Cia. Sul Brasil enviados para a Diretoria de Terras e Imigração em 06 de setembro de 1938. Arquivo da Cia. Sul Brasil. Porto Alegre - RS

De 1938 à 1940, o número de colonos que ali aportaram é significativo, contrastando com o período seguinte, 1941/44, quando ocorreu nova queda. Esta redução é, atribuída à Segunda Guerra Mundial. Já em 1945, inicia-se um período em que o fluxo migratório cresce significativamente até 1948, quando foram escriturados 1.111 lotes de terra, o maior em todo período estudado (Quadro 01). A principal causa desta expansão é o bom momento que atravessava a agropecuária. A época de ouro da suinocultura, como é denominada pelos colonos, impulsionou a chegada de famílias gaúchas. O suíno foi o primeiro produto que teve um valor comercial capaz de estimular a migração em grande escala. A valorização e a expansão da suinocultura sedimentou a colonização.

Passada a euforia do final da década de 1940, a colonização se estabilizou num patamar que se pode classificar de satisfatório, até 1954, o período em estudo.

Num total de 6.710 lotes escriturados entre 1922 à 1954, 640 foram escriturados na década de 1920; 1133 na década de 30 e 3.623 na década de 40; e de 1950/54, a Cia Sul Brasil escriturou 1.314 lotes.

O número de lotes vendidos pela Cia. Sul Brasil, fornecida em alguns relatórios encontrados nos arquivos, nos permite fazer uma comparação entre o número de lotes vendidos e escriturados.

Quadro 03

Relação dos lotes vendidos e lotes escriturados pela
Cia Sul Brasil

Ano	Lotes vendidos	Lotes escriturados	Vendidos/Escriturados
1930	1774	737	2,4
1937	2668	1182	2,2
1942	6409	2140	3,0
1952	12981	5893	2,2

FONTE: Relatórios da Cia Sul Brasil. Arquivo de Porto Alegre - RS

A partir do quadro 03, observa-se que há uma correlação entre o número de lotes vendidos e escriturados. O número de lotes vendidos era maior que o número de lotes escriturados. Esta diferença se deve ao fato de que somente era lavrada a escritura depois da conclusão do pagamento da terra. Como poucos tinham condições de pagá-la à vista ou mesmo num curto espaço de tempo, devido a dificuldade de comercialização dos produtos, houve esta diferença significativa entre o número de lotes vendidos e escriturados. A expansão da suinocultura, a partir de 1944 reduziu esta diferença de 3,0 em 1942, para 2.2 em 1952. Na medida em que os colonos conseguiam vender seus produtos, estes passaram a liquidar seus lotes, efetuando, assim, sua escritura.

Há também uma relação entre os lotes vendidos e a população existente na região. Sendo impossível precisar o número de indivíduos instalados pela Cia. Sul Brasil, tomamos as estimativas feitas pela própria colonizadora.

Quadro 04

Número de lotes vendidos x população estimada

Ano	Lotes vendidos	População/estimada
1930	1774	4500
1937	2668	5800
1942	6409	8300
1952	12981	29000

FONTE: Relatórios anuais da Cia. Sul Brasil. Arquivo de Porto Alegre - RS

As estimativas de população, feitas pela Cia. Sul Brasil nos quatro relatórios, vem confirmar algumas conclusões já tiradas a partir dos quadros anteriores, ou seja: a população da região colonizada pela Sul Brasil teve um aumento pequeno entre os anos de 1930 e 1937 e que o maior fluxo migratório se deu após 1942. Pela estimativa da Cia. Sul Brasil, em 1954, quando da emancipação política de São Carlos e Palmitos, a população local chegou a 34 mil habitantes, dos quais mais de 3 mil eram luso-brasileiros²².

²² Levantamento da Cia Sul Brasil, efetuado em agosto de 1951. Arquivo da Cia. em Porto Alegre - RS.

4. Origem do fluxo migratório de 1925 a 1931

A Cia. Territorial Sul Brasil procurou atrair para a sua gleba colonos descendentes de alemães e italianos, católicos ou luteranos das diferentes cidades do Rio Grande do Sul. Nisso a Cia. Sul Brasil se diferenciava das outras Companhias, como a Chapecó-Peperi, que colonizam suas terras com teuto-brasileiros evangélicos; a Volksverein, introduziu em suas terras teuto-brasileiros católicos, e a Bertaso e Maia, voltada para a colonização ítalo-brasileira.

Pelo estudo feito, a partir dos contratos de compra e venda, de 1925 a 1931, pode se observar que a Cia. Sul Brasil introduziu na sua área, famílias de diferentes cidades do Rio Grande do Sul.

No período em questão, Santa Cruz do Sul ocupa o primeiro lugar na compra de terras, seguido de Panambi, Anta Gorda, Lageado e São Leopoldo. Certamente a origem deste fluxo migratório modificou-se, mas pode-se perceber que vinham colonos das diferentes regiões do Rio Grande do Sul. Portanto, o sucesso ou o fracasso da colonização seria espalhada pelos colonos no Estado vizinho, através de parentes e amigos, o que viria estimular ou inibir a vinda de novas famílias.

Quadro 05

Local de origem dos colonos da Cia. Sul Brasil - 1925 - 1931

LOCAL \ ANO	1925	1926	1927	1928	1929	1930	1931	Total
Santa Cruz	-	7	-	-	77	10	6	100
Panambi	-	24	32	3	11	-	-	70
Anta Gorda	39	23	-	6	-	-	-	68
Lageado	-	40	3	3	2	3	1	52
São Leopoldo	-	-	-	7	16	11	14	48
Tapera	-	30	3	-	4	3	5	45
Passo Fundo	7	5	6	5	9	2	10	44
Selbach	-	-	-	-	22	11	10	43
R. Seca	-	3	-	-	33	2	5	43
Cachoeira	-	6	2	2	24	3	4	41
General Osório	-	36	1	-	2	-	1	40
Ijuí	-	22	8	-	3	6	-	39
Encantado	24	2	-	7	-	1	-	34
Palmeiras	-	5	5	2	19	1	1	33
Santa Bárbara	-	-	32	-	-	-	-	32
S. Seb. do Caí	-	-	-	6	22	1	2	31
Forquetinha	-	26	1	3	-	-	-	30
Boa Esperança	-	4	25	1	-	-	-	30
Santo Angelo	-	3	-	2	20	2	3	30
Erechim	4	15	1	-	5	-	1	26
Agudo	-	-	7	4	12	1	-	24
Total	74	251	126	41	281	57	63	903

FONTE: Pastas n° 1, 2 e 3 dos contratos de venda de terras. Museu Fernando Nagel. Maravilha - SC.

Neste período, a Sul Brasil vendeu, ainda, lotes de terra para moradores de Montenegro, Barra do Colorado, Venâncio Aires, Santo Cristo, Soledade, Rio Pardo, Antonio Prado, Candelária, Vacaria, Caxias do Sul, Santa Maria e Estrela.

A venda de 77 lotes, no ano de 1929, em Santa Cruz do Sul, atribui-se à atuação do agente João Koller. Quando um agente deixava de atuar numa cidade, as vendas caíam bruscamente.

Muitas famílias luteranas oriundas de Panambi, acabaram se instalando nas terras da Cia. Sul Brasil. A área de Mondaí, inicialmente destinada para eles, não tinham acesso por estrada com o Rio Grande do Sul. Com a conclusão da estrada do Prado, em 1929, finalmente estes colonos puderam se transferir, para as terras da Chapecó-Peperi, de caminhão ou de carroça. Anteriormente, os colonos desciam até Mondaí em pequenas embarcações pelos rios da Várzea e Uruguai. A Volksverein também perdeu colonos para a Sul Brasil, pela falta de estradas. Muitos dos alemães católicos de Santa Cruz do Sul, vieram instalar-se em São Carlos.

5. As principais dificuldades enfrentadas pelos colonos

O sonho do “novo Eldorado” virou pesadelo. Apesar da situação econômica e política do Rio Grande do Sul não ter sido favorável para os gaúchos nesse período, as suas dificuldades não podem ser comparadas às enfrentadas pelos colonos que se instalaram nas terras da Sul Brasil. Entre os colonos que chegaram, alguns eram bem sucedidos no Rio Grande do Sul. Muitos não retornaram porque não tinham condições para tal. Vieram atrás da falsa ilusão de “quem é pioneiro numa região enriquece”.

MEES diz que acabaram gastando tudo o que tinham e, para não passar fome, tiveram que trabalhar desde a infância para os outros. Não retornaram porque não tiveram condições para tal, *“a mãe tinha terra e tinha tudo. Botou fora prá vir para cá. Ela tinha 56 hectares”*²³.

Outros não retornaram porque os parentes e amigos diziam que no Rio Grande do Sul também não estava bom. THESSING, que veio para São Carlos em 1935, diz que não veio antes, porque não conseguia vender suas terras. Com muita dificuldade vendeu os suínos e as galinhas. Isto prova que também havia dificuldades no Rio Grande do Sul, apesar de lamentar não ter atrasado a sua vinda²⁴.

As dificuldades desses pioneiros começaram na hora da mudança. RIZZI conta que levaram 9 dias de carroça para chegar a São Brás (Caibi) e, de lá, transportaram a mudança num cargueiro, animal com cangalho, seguindo as margens dos rios São Domingos e Uruguai, para depois seguir as picadas da divisa por mais alguns quilômetros²⁵. RODOÍ conta que atravessaram o rio Uruguai de canoa, depois arrendaram uma carrocinha até a linha Ponte de Pedra. De lá, sem estrada, tiveram que carregar a mudança nas costas, numa distância aproximada de 8 km²⁶. Em 1927, os irmãos SEHNEM vieram de carrocinha até Iraí e dali foram transportados, com lancha, até São Carlos, pela Cia. Sul Brasil.²⁷

²³ Entrevista com MEES, G. São Carlos 11/01/91

²⁴ Entrevista com THESSING, A. São Carlos 11/01/91

²⁵ Entrevista com RIZZI, C. Op. Cit

²⁶ Entrevista com RODOÍ, P. Caibi, 15/01/91

²⁷ Entrevista com SEHNEM, O. Cunhataí, 09/01/91

A maioria dos colonos migrantes vinham de trem até Santa Bárbara - RS, fretando, ali, um caminhão ou carrocinha para percorrer os 184 km até a sede da Sul Brasil. A passagem do rio Uruguai, que inicialmente era feita de canoa, passou a ser efetuada à barca a partir de 1927. Na sede da Cia. havia algumas cabanas de palha para abrigar os colonos, até que tivessem meio de transporte disponível para levá-los ao lote. As estradas eram péssimas, mesmo as de Santa Bárbara à Iraí. “Fizemos a mudança com carrocinha de cavalo. A estrada era muito ruim. Do rio da Várzea prá cá era puro mato até a estrada... tinha muito atolador”²⁸.

As dificuldades enfrentadas na viagem faziam com que a maioria vendesse quase tudo para depois adquirir tudo de novo em Santa Catarina. Poucos foram os que trouxeram animais domésticos, como gado bovino e suínos. Até galinhas para a criação foi difícil de encontrar. Consumir carne, leite, banha e ovos era considerado um luxo. KUSSLER conta que seu marido foi buscar porco em Ibirubá alguns anos depois de terem vindo, mas que foi difícil iniciar uma criação, pois todo mundo queria comprar “*Não trouxemos quase nada... vestimenta e um pouco de comida que compramos em Panambi. Não sabíamos que não tinha nada*”²⁹.

Os propagandistas, na ânsia de venderem terras, procuravam não falar sobre as dificuldades o que contribuiu para que a maioria dos colonos não trouxesse pelo menos alguns animais para iniciar sua criação.

²⁸ Entrevista com KOEHLER, Elsa Weber. Três Pinheiro - Palmitos 18/01/91.

²⁹ Entrevista com KUSSLER, F. Palmitos, 19/01/91.

“... truxemos só roupa e coisas de casa. Porco e galinhas compramos bem depois de outros colonos. A primeira novilha que o pai comprou foi trocada por 70 sacos de milho debulhado. Tivemos que levá o milho em cima de um matungo até Diamantina... boi não se podia comprá, dinheiro não se tinha”³⁰

Além das dificuldades com o transporte, a falta de carne durante os primeiros anos era comum entre as famílias que não eram habituados à caça ou pesca. Alguns dos entrevistados contam que chegaram a passar fome.

“... feijão não se conseguia achar. Daí disseram, levem estes, podem tirar os melhores. Não derramei fora o resto pois se achássemos galinhas prá comprar iria tratá. Não demorou muito e tive que pegar este feijão para cozinhá-lo, pois não tinha outra coisa. Prá se comer, tinha que fechar o nariz... no começo vomitava tudo, mas quando a fome foi aumentando, acabou ficando no estômago. Mas ia só umas duas a três colher por refeição”³¹.

A situação se agravava nos períodos das cheias do rio Uruguai, quando o mesmo impedia a entrada de mantimentos do Rio Grande do Sul. O rio chegou a não dar passagem durante quarenta e cinco dias, impedindo o comércio, bem como a entrada de novas famílias.

³⁰ Entrevista com RODOÍ, P. Op.Cit.

³¹ Entrevista com KUSSLER, F. Op. Cit



Inauguração do Salão de Festas e Bailes - 1933

Acervo: Museu Histórico de São Carlos

Apesar das dificuldades, o maior problema da fome se resolveu com a primeira colheita. Havia ainda, a falta de carne, mas pelo menos não se passava fome. Para quem era caçador ou pescador conseguia a carne que faltava. O peixe era conseguido facilmente nos rios de porte médio como o São Domingos, Antas e Iracema. Já nos rios maiores, como o Chapecó e principalmente o rio Uruguai, a dificuldade era maior pois os peixes andavam em cardumes, nem sempre localizados. THESSING afirma que não valia a pena pescar de anzol no rio Uruguai. O negócio era tratar os peixes dentro de um coral para depois pegá-los. Por outro lado, não valia a pena pescar em grande quantidade, pois não tinha como conservá-lo e nem mercado para comercializá-lo³². Já nos rios menores, o peixe diário poderia ser pescado com mais facilidade, como podemos ver no depoimento de RIZZI:

³²Entrevista com THESSING, A. Op.Cit.

“No rio São Domingos... ia prá casa com 3 a 4 peixe assim... de 700 a 800 grama. Pegava o que dava prá comer naquele dia, depois outro dia ia de novo”³³,

Havia também muita caça, mas a maioria dos colonos não tinha prática nem armas para tal atividade. O tempo disponível para ir atrás da caça era escasso, pois, quando não trabalhavam na roça ou na construção de casas, os colonos trabalhavam por diária para conseguir algum dinheiro para comprar os produtos que faltavam. Alguns, no entanto, faziam da caça seu meio de diversão. RODOÍ conta que seu pai sempre dizia:

“Prá que trabalhar tanto se não conseguimos vender nada... dava mais um couro de veado do que um saco de feijão. Tinha o pardo, o tateto, porco do mato... couro de anta, a lontra. Isso valia dinheiro. Nós tentava atirar na cabeça para não estragar o couro. Cada dois meses ia uma carga a Palmitos e vendia. O dinheiro ia direto prá Sul Brasil... aquela colônia foi quase toda paga a troco de couro”³⁴

A preocupação com a preservação da fauna não havia. O animal era visto como um alvo a ser acertado. O prazer do caçador consistia em ver a caça morta, mesmo que fosse fêmea ou filhote. Na época, nem cogitavam que as matas e a caça pudessem acabar um dia. A árvore deveria ser derrubada e queimada para não atrapalhar o cultivo da terra³⁵.

³³ Entrevista com RIZZI, C. Op.Cit.

³⁴ Entrevista com RODOÍ, P. Op. Cit.

³⁵ Idem

Outro alimento oferecido pela natureza era o mel. Era comum encontrar abelheiros em árvores ocas. Alguns começaram a produção a partir da construção de caixotes. SEBASTIANI conta que construiu várias caixas que em pouco tempo foram tomadas pelos enxames. A produção era grande, porém, era difícil a sua comercialização. Ele chegou a ter mais de três mil quilos de mel para comercializar³⁶.

A questão da saúde também era preocupante. Embora não tivesse ocorrido uma grande epidemia, o tifo havia atingido várias famílias. A falta de médicos e hospitais favorecia a instalação de curandeiros e enfermeiros, ex-ajudantes de guerra, para tratarem a população. Um episódio contado por ZIMMER nos dá uma idéia de como a medicina era praticada:

“O médico mais perto ficava em Mondáí, mas também era médico falso. Talvez no exército, em uma guerra, foi ajudante. Meu padraсто morreu também de uma infecção de sangue. Hoje seria coisa pequena... Em Iraí tinha um farmacêutico da Alemanha, um tal de doutor Fritz, um desses que aprendeu no exército. Lá amputaram o braço na mesa, onde nós carneávamos galinhas para os hóspedes do hotel... ele gritava de dor, mas ficou bom”³⁷.

³⁶ Entrevista com SEBASTIANI, P. Op. Cit.

³⁷ Entrevista com ZIMMER, Otto. Riqueza, 16/01/91

Em Pratas também havia o “doutor” Sebastiani que tinha alguns conhecimentos em medicina. Tratava os pacientes com o auxílio de algumas ervas e água mineral. Por volta de 1935, chegou o Doutor Walter Hund em São Carlos. Médico elogiado por todos os entrevistados e a quem são atribuídas muitas curas. HOSS conta que o Dr. Hund, como era conhecido, tinha um cavalo petiço com o qual se deslocava atrás dos doentes da região. Afirma que, quem não tinha cura com ele, também não adiantaria ir atrás de recursos em outras regiões³⁸. Com a chegada do Doutor Walter Hund, criou-se a Assistência Hospitalar São Carlos, que nos primeiros anos funcionava no Hotel Schneider.

As águas minerais também eram conhecidas pelas suas qualidades medicinais. Na cidade de Iraí, no lado gaúcho do rio Uruguai, já havia um hotel destinado aos banhistas. Também a descoberta das águas minerais de Ilha Redonda é anterior à chegada das companhias colonizadoras. SANTOS afirma que foi a mãe dela que descobriu as águas minerais de Ilha Redonda. Juntamente com seu marido, haviam atravessado o rio Uruguai para caçarem no lado catarinense, quando sua mãe caiu num poço de água quente. Foi quando passaram a divulgar esta fonte.

“Aí fez uns coxos de madeira, cavadinho. Cortava folha de palmeira, fazia uns ranchinho, umas cabaninhas para eles entrarem e tomar o banho bem fechadinho. Vinha gente de Nonoai. Eles davam o que queriam, era mulher de bondade”³⁹

³⁸ Entrevista com HOSS, Ervino. Op. Cit.

³⁹ Entrevista com SANTOS, Maria Antonia dos. Ilha Redonda - Palmitos, 1801/91.

No entanto, poucos colonos conheciam o poder medicinal das águas minerais e as mesmas não resolviam o problema da maioria das doenças. Apesar da chegada do Dr. Walter Hund, o atendimento médico continuava precário na região. Em 1939, quando adoeceu a filha do diretor Carlos Culmey, a mesma foi levada para um hospital de Porto Alegre, o que mostra que em toda região não havia maiores recursos médicos. Os colonos, sem dinheiro, acabavam recorrendo ao que de melhor havia na região.

Outra dificuldade apontada pelos entrevistados foi a presença de mosquitos. Muitos abandonaram suas terras devido a este inseto.

“Muita gente se arrependeu de ter vindo. Teve lugares que saíram todos. Só ficaram quem não tinha dinheiro. Abandonaram milho dobrado, não aguentaram os mosquitos..”⁴⁰

RODOÍ conta que sua mãe chorava, implorando para voltar, pois não agüentava mais os mosquitos. Para se defender, passavam sabão ou banha no corpo e, à noite, para poder dormir, faziam fumaça para espantar os mosquitos⁴¹. Outros queimavam galhos verdes ao por do sol para espantar os pernilongos.

Havia os mosquitos chamados de borrachudos, que atacavam de dia, e os pernilongos, que atacavam à noite. A reclamação maior é em relação aos que atacavam de dia. Estes existiam em toda a região só davam folga quando esfriava. A fumaça era, também, o meio mais usado para espantá-los, principalmente quando se trabalhava na roça. No entanto, para certas atividades, como a lavração das terras, esta técnica não funcionava.

⁴⁰Entrevista com RIZZI, C. Op. Cit

⁴¹Entrevista com RODOÍ, P. Op. Cit

Cada um criava sua forma de defesa. ROVERSI conta que, na hora da costura, enfiava os pés dentro de uma bolsa. Em outras atividades costumava-se passar banha no corpo para espantar os mosquitos⁴². Para salvar seu filho dos mosquitos, LAZZARI fez uma cama atrás do altar da Igreja⁴³. Até na hora das refeições, os mosquitos não davam sossego:

“Na hora do almoço tinha-se um galho verde na mão... batia prá espantar os mosquitos, depois rapidamente se levava uma colher de comida na boca. Era uma bicharada, se sabia disso não teria vindo pra cá.”⁴⁴

O surto dos mosquitos, além do desconforto, ameaçava a saúde da população. Feridas nas pernas, braços e orelhas eram comuns. As crianças, no entanto, eram as mais atingidas.

“Tinha muita gente com ferida, principalmente criança. Mas na época já tinha o doutor Hund que dava remédio. Tinha adulto que não podia caminhar com infecção do sangue”⁴⁵.

Ninguém sabe precisar em que ano terminou a epidemia. Enquanto alguns falam de 1938, outros dizem que foi por volta de 1945.

⁴² Entrevista com ROVERSI, Sabina. Santo Antonio, Caibi, 15/01/91.

⁴³ Entrevista com LAZZARI, F. Santa Lúcia - Caibi 17/01/91

⁴⁴ Entrevista com KUSSLER, F. Op. Cit.

⁴⁵ entrevista com HOSS, E. Op. Cit.

Na verdade, os mesmos diminuía na medida em que eram efetuadas grandes derrubadas de mato, seguida das queimadas. A intensidade dos ataques era maior ou menor, dependendo da região. Os pernilongos que atacavam à noite existiam nas áreas mais úmidas. A diminuição dos mosquitos foi também um alívio para a companhia.

“Por causa do mosquito, no nosso lugar saíram 9 famílias que tenho certeza. Ficamos só nós. O vizinho mais próximo dava 4 km longe da nossa casa”⁴⁶.

Muitos gostariam de ter voltado para o Rio Grande do Sul, se pudessem. Havia pessoas que queriam voltar a pé. Além do surto dos mosquitos, havia a falta de comércio para os produtos colhidos. SEHNEM conta que os rapazes se reuniam para comer os frangos com polenta que tiveram que aceitar em troca da moagem⁴⁷. Nem uma dúzia de ovos se conseguia vender. Famílias inteiras retornavam para o Rio Grande do Sul depois de terem investido na região tudo o que possuíam. A falta de dinheiro dificultava a volta de muitos que acabaram resignando-se.

“... muitos retornaram para o Rio Grande do Sul, mas nós não podia porque o dinheiro era curto. Naquele tempo era infestado de mosquito. As pessoas ficavam cheio de feridas. Tinha gente que precisou cortar a aliança do dedo...”⁴⁸,

⁴⁶ Entrevista com RODOÍ, P. Op. Cit

⁴⁷ Entrevista com SEHNEM, O. Op. Cit.

⁴⁸ Entrevista com KOEHLER, R. Três Pinheiros - Palmitos, 18/01/91

Outro fator que impedia a volta era a própria situação econômica do Rio Grande do Sul. Também ali o comércio estava em crise. Tanto é que os próprios parentes desaconselhavam o retorno. No entanto vários colonos chegaram à mesma conclusão: teriam lucrado se tivessem ficado do Rio Grande do Sul, pelo menos até 1938, quando a situação começou a melhorar. Até então o árduo trabalho pouco foi recompensado.

As estradas foram abertas na base da picareta e pá. As árvores arrancadas a enxadão e machado. A companhia abria a estrada geral e os colonos tinham que abrir as estradas vicinais. Para abrir a estrada geral, a colonizadora contratava os colonos que trabalhavam em troca da amortização dos juros. Os luso-brasileiros também eram usados nesta atividade, mas comandados por alguém de origem.

“Logo o Schoemberger viu que trabalhava bem, pois era forte e logo me encarregou de um grupo de brasileiros, com picarreta, e arrumamos a estrada. De noite andava os seis quilômetros a pé... precisava trabalhar na roça e de diária para se ter alguma coisa”⁴⁹

A solução foi arrumar serviço para conseguir o dinheiro necessário para adquirir alimentos e outros produtos. MEES conta que trabalhava no mato, arrastando torras por muito tempo. Defendia-se serrando tabuinhas, lascando tábuas, tratando vigas e derrubando mato. Para ele era comum ficar uma semana no mato com uma turma de caboclos, extraindo madeira para as balsas. Voltava sábado, depois das 18 horas, percorrendo até 16 km para chegar em casa.

⁴⁹ Entrevista com SCHEICHER, R. Baixo Aguinhas - São Carlos, 10/01/91

No domingo à tardinha, retornava para o mato. O serviço era muito pesado, ao qual atribui os problemas de coluna que vem sofrendo nos últimos anos⁵⁰.

O fato do marido trabalhar fora, sobrecarregava ainda mais o trabalho da mulher, que enfrentava com heroísmo e resignação esta situação. O choro foi muitas vezes a saída diante da dura realidade. Recai sobre ela o cuidado dos filhos, da casa e muitas vezes o serviço da roça, enquanto o marido trabalhava em outros serviços, em busca de dinheiro. A situação da mulher não era fácil, como conta KOEHLER.

“Fazia de tudo. Roça de manhã e tarde. O serviço de casa se fazia ao meio dia e sábado à tarde. Só tinha-se folga em domingo... A juventude nem sabe imaginar o que passamos”⁵¹

O serviço da roça era o mesmo do homem, além de ter que fazer o serviço em casa. A mulher ajudava derrubar mato, serrar madeira e plantar. As crianças eram levadas junto na roça e deitadas num cesto. Nem sempre dava tempo de socorrê-las, quando choravam⁵². O depoimento abaixo mostra que a vida da mulher praticamente se resumia em criar filhos e trabalhar.

“Ia na roça carpir, e em casa fazer tudo, tirar leite, tudo... Os filhos levava junto na roça num colchãozinho ou caixinha e colocava dentro. Brolava mel no tchutchu (chupeta). Um dia, o mais velho chora e chora, nós estávamos limpando milho, fui lá vê... estava cheio de formigão mordendo ele... eu sei que passei as minha...”⁵³

⁵⁰ Entrevista com MEES G. Op. Cit.

⁵¹ Entrevista com KOEHLER, Elsa. Op. Cit.

⁵² Entrevista com HOSS, Marta Tereza. São Carlos em 12/01/91.

⁵³ Entrevista com ROVERSI, S. Caibi, 15/01/91

O trabalho só cessava no domingo, por determinação religiosa. Entre os católicos, era costume rezarem o terço. Já os evangélicos só se reuniam quando o pastor passava na região. Não havia dinheiro para gastar em lazer. Era comum, no entanto, o “serão” às noites. RIZZI afirma que, as diversões da época eram melhores do que agora. Conta que pegavam um galo e se reuniam com uma gaita de boca e faziam reuniões dançantes. À meia noite, era servido um caldo, mas a festa continuava até o clarear do dia⁵⁴. Em São Carlos, a família Kroth construiu um salão de baile no qual se realizavam dois bailes por ano.⁵⁵ A preocupação maior era com a sobrevivência.

6 - A Colonização Teuto-Russa

Todo o Oeste Catarinense foi colonizado basicamente por colonos gaúchos. São poucos os imigrantes europeus que vieram para o oeste catarinense. A Sul Brasil, apesar das tentativas de trazer imigrantes portugueses, belgas e italianos, entre outros, só conseguiu trazer os teuto-russos, devido a uma situação peculiar na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Mais de 300 famílias, instalaram-se nas terras da Cia Sul Brasil. Destas, 243 famílias evangélicas, das quais, 180 se instalaram no atual município de Riqueza, a leste do rio das Antas e, as outras 63, adquiriram terras próximo ao rio Iracema, no município de Caibi. Já as famílias católicas, que eram em torno de 90, instalaram-se no interior de São Carlos, próximo do rio Chapecó⁵⁶.

⁵⁴ Entrevista com RIZZI, C. Op. Cit.

⁵⁵ Entrevista com HOSS, Ervino. Op. Cit.

⁵⁶ Contratos de compra e venda de terras da Cia Territorial Sul Brasil. Pasta nº 02. Pe. Fernando Negel. Maravilha.

Segundo ZIMMER, seus tataravós emigraram da Alemanha para Samora e seus pais foram para a Sibéria, atrás de terras novas⁵⁷. Com a implantação do Socialismo, as famílias começaram a ser pressionados a entrar no sistema de produção coletiva.

“pressionaram o pai porque não era filiado no Partidão, teus filhos não trabalham em comunas, e tem sua propriedade e é gerente da Cooperativa, este era o motivo. Daí conversei com a mulher e o pai e decidimos sair. Na época a emigração já havia iniciado. Fomos no consulado alemão e estavam distribuindo números para sair... pegamos o número 7. Nós precisamos ir à Alemanha, mas também não poderíamos ficar lá, pois tinha pouca terra”⁵⁸.

A recusa dos teuto-russos em integrar-se às comunas, adotado pelo sistema comunista, provocou na Sibéria, em meados de 1929, um fluxo imigratório, entre os quais estavam os teuto-russos que vieram para as terras da Cia Sul Brasil. Estas famílias dirigiram-se para Moscou, seguindo os trâmites legais de emigração. Posteriormente Moscou fechou as portas para a mesma.

De Moscou seguiram de trem para a Alemanha, onde foram encaminhados, pelo cônsul alemão, para o Brasil. Em torno de 20 famílias foram instaladas na Bahia onde, não fosse a intervenção do consulado alemão, teriam sido dizimados pelo calor e malária. Neste curto período mais de 20 pessoas morreram, numa média superior de um ente por família. A situação estava piorando quando o consulado interveio para socorrer estas famílias.

⁵⁷ Entrevista com ZIMMER, Otto. Op. Cit

⁵⁸ Idem

“Magros como estávamos, com os pés cheios de bichos de pé. Ganhamos dinheiro do consulado para nos recuperarmos durante dois meses no Rio. (Rio de Janeiro). Comida especial, pois o feijão e arroz era muito pesado para nós, depois viemos para cá. Viemos por Porto Alegre”⁵⁹.

Os que estavam na Bahia foram encaminhados para Aguiinhas, município de São Carlos. Outros tiveram que aguardar no Rio de Janeiro por causa da Revolução de 1930, quando então embarcaram num navio que os levou até Porto Alegre. Depois seguiram de trem até Santa Bárbara, seguindo de caminhão à sede da Cia. Sul Brasil. As famílias foram alojadas nas barracas de taquara preparadas para acolher os colonos que para cá viessem. Os homens partiam para suas terras a fim de efetuarem as primeiras derrubadas e a construção de um rancho, para depois retornarem e buscarem as famílias. Em Riqueza, a primeira plantação se deu de forma coletiva⁶⁰.

Durante os primeiros 90 dias, o consulado alemão ajudou com alimentação, principalmente farinha de milho, feijão e arroz. SEHNEM diz que, quando entraram os alemães russos em Aguiinhas, assinaram um contrato com o consulado alemão e tiveram que moer milho durante o dia e a noite⁶¹. O mesmo ocorreu com o moinho de Palmitos que abasteceu com farinha os teuto-russos instalados em Riqueza, a nas linhas Maracujá e Bagé (Caibi).

As dificuldades, contudo, eram enormes. Ninguém conhecia e nem sabia derrubar as densas matas. Acostumados à terra de campo, onde se plantava trigo e culturas próprias do frio, a nova realidade não lhes agradou.

⁵⁹ Entrevista com SCHEICHER, R. Baixo Aguiinhas - São Carlos, 10/01/91

⁶⁰ Entrevista com ZIMER, Otto. Op. Cit.

⁶¹ Entrevista com SCHEICHER, R. Op. Cit.

“A terra não dá para comparar, era plana, terra bonita de campo. Tinha as vezes capões para o gado ir na sombra... plantávamos trigo, tudo o que gosta do frio. Dava de tudo, batata... melhor do que aqui”⁶²

A falta de tábuas para a construção das casas, as terras pedregosas e acidentadas, cobertas de densas matas e, principalmente, a falta de comércio, foram os principais dificuldades dessa colonização. A saída para o comércio foi tentada através da criação de uma cooperativa para a qual a Cia Sul Brasil havia cedido uma colônia e o consulado alemão ajudou com 100 marcos. Porém, a cooperativa faliu devido as dificuldades de comercialização dos produtos. A insatisfação começou a tomar conta e muitos foram em busca do emprego nas cidades ou de terras de campo, às quais estavam acostumados.

Das 180 famílias que se instalaram em Riqueza, ficaram apenas 45. A maioria foi para Ijuí, Porto Alegre e para o Uruguai. Do povoado de Bagé e Maracujá, permaneceram poucas famílias, mesmo contando os descendentes. O mesmo aconteceu com os teuto-russos católicos, residentes em Aguiñas. Os russos foram para os mais diferentes lugares, inclusive países vizinhos.⁶³

O primeiro grupo significativo que abandonou as terras da Cia Sul Brasil foi para o Uruguai no ano seguinte à chegada dos mesmos à região. Construíram uma embarcação com 26 metros de comprimento e desceram o rio Uruguai, junto com as balsas. Segundo SILVA, eram em torno de 100 pessoas, das quais a metade era de São Carlos e, o restante, de Riqueza e Caibi. Eram acompanhados de lancha, mas faltava-lhes experiência e isto fez com que a embarcação encalhasse numa ilha.

⁶² Entrevista com SEHNEM, R. Op. Cit.

⁶³ Entrevista com SCHEICHER, R. Op. Cit.



As Choupanas aparecem mais próximas, assim com diversas pessoas, adultos e crianças, imigrantes e também um carro, o único da época na região do acampamento de 1930 - Mostra as famílias Zimmer, Hoffmann, Hass, Hergenreder, Teske, Hortst, Schneider, Crispleid, Schonmeicier, Morgenstern, Muller, Sutjiar, Reichard, etc. Foto pertencente a Otto Zimmer

“... foi combinado que eles iam indo e nós também. Saíram na nossa frente e logo aqui abaixo de Mondai, na taipa, eles atravessaram o barco deles na ilha e nós ficamos atrás. Cruzamos eles, eles gritaram socorro, socorro, e nós não podia porque nós estava viajando e era uma cachoeira então nós não podia... depois da cachoeira fomos amarrar a balsa e fomos socorrê-los... Aí deram um puxão forte com a lancha. Eles tinham uma, e tiraram o barco. Depois viajamos junto a até São Borja”⁶⁴

⁶⁴ Entrevista com SILVA, J. Riqueza, 16/01/91

⁶⁵ Idem

A partir de visitas e correspondências, soube-se que eles acabaram trabalhando nas fazendas. Muitos dos seus filhos teriam ido para as cidades, em busca de emprego e estudo⁶⁵. Para ZIMMER, os que ficaram, é porque não tinham uma profissão ou que não queriam aventurar-se para outros lugares. Estes foram enfrentando a falta de comércio, os mosquitos, o mato e, “talvez, hoje estejam até melhor, pois tem sua propriedade”⁶⁶.

Os teuto-russos, apesar de terem chegado ao Brasil em 1930, foram vítimas, assim como a maioria dos imigrantes, da falta de comércio capaz de absorver a sua produção.

A falta de dinheiro obrigava as famílias a trocarem roupas de inverno, que haviam recebido quando da passagem pela Alemanha, por alimentos e outros produtos. Outra opção era trabalhar para a Cia. Sul Brasil na abertura de estradas para, pelo menos, pagarem os juros de suas terras, até que surgisse o comércio para seus produtos. A dificuldade de adaptação, aliada à falta de colocação dos produtos, criou sérios prejuízos para a Cia. Sul Brasil. Dos 332 lotes adquiridos pelos teuto-russos, 153 foram rescindidos entre 1930 a 1933. A maioria deixou a região sem sequer pagar o transporte para a Companhia Territorial Sul Brasil. Por outro lado, só duas famílias conseguiram pagar parte das terras⁶⁷.

A falta de comércio para os produtos coloniais impossibilitou aos colonos, teuto-russos ou não, o pagamento das terras dentro do prazo previsto.

⁶⁶ Entrevista com ZIMMER, Otto. Op. Cit.

⁶⁷ Contratos de compra e venda da Cia. Territorial Sul Brasil. Pasta número 02. Museu Pe. Fernando Nagel, Maravilha - SC



1929 - Alemanha - As mulheres imigrantes teuto-russas costurando roupas, confeccionando e passando. Costurando com máquinas e a mão, e também cuidando de crianças. Família Müller.

Acervo do CEOM - Cedidas por Silvani M. Di Domênico e Maria Gertrudes Janssen (Riqueza e Mondai)

Considerações Finais

A área colonizada pela Companhia Sul Brasil perfaz um total de 2.772 milhões de metros quadrados, localizados entre os rios Chapecó, Uruguai e Antas, onde a colonizadora introduziu, somente entre os anos de 1925 a 1953, mais de 30 mil habitantes.

A maioria dos colonos veio das antigas colônias gaúchas. O grande número de expropriados e a queda da produtividade dos lotes facilitou a atuação das colonizadoras nesta região. A oferta de terras férteis, cobertas de matas a preços inferiores aos praticados no Rio Grande do Sul, contagiou muitas famílias. Os colonos, introduzidos pela Sul Brasil nos primeiros anos, foram atraídos por propagandas tentadoras onde o oeste catarinense era apresentado como o “Eldorado” brasileiro.

As decepções destes pioneiros com a falta de estradas, comércio e o surto de mosquitos serviram, no entanto, de contrapropaganda, reduzindo sensivelmente o fluxo migratório. A grave crise econômica enfrentada pelo Rio Grande do Sul e seus reflexos no oeste catarinense foi a principal causa das dificuldades enfrentadas pelos colonos e a conseqüente redução do fluxo migratório à região. A recuperação da economia gaúcha, a partir de 1937, retomou o desenvolvimento da colonização, que desde então não parou de crescer. A expansão da suinocultura na região, a partir de 1940, foi decisiva no desenvolvimento da colonização do oeste catarinense.

A organização da colonizadora pode ser sentida na distribuição dos colonos em diferentes áreas, a partir da sua origem étnica e credo religioso. Esta divisão, além de evitar conflitos, facilitou a organização das comunidades, principalmente na implantação de escolas e igrejas. A preocupação da Sul Brasil com a implantação de escolas e com o atendimento religioso era visível, e tinha como objetivo atrair novas famílias. Este tipo de distribuição prevaleceu até 1945, quando da implantação do ensino público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTEL, Arlindo Itacir. **Colônia italiana: religião e costumes.** Porto Alegre: Grafosul, 1981. p. 15.
- BONI, Luis Alberto e COSTA, Rovílio. **Os italianos no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Vozes, 1979. p. 37.
- CIA. SUL BRASIL Relatório de exposição dos trabalhos enviados para a Diretoria de Terras e Imigração em 06 de setembro de 1938. Arquivo da Cia. Sul Brasil. Porto Alegre - RS
-
- _____. Levantamento efetuado em agosto de 1951. Arquivo da Cia. em Porto Alegre - RS.
-
- _____. Contratos de compra e venda de terras. Pasta nº 02. Pe. Fernando Negel. Maravilha.
- GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: **Rio Grande do Sul: imigração e colonização.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 47.
- HERVING, Tutz Culmey e KNORR, Ilga K. **A filha do pioneiro.** Florianópolis: IOESC, 1987.
- IBGE. **Anuário estatístico.** População recenseada e estimada, 1960.
- KOELLN, Arno. **Porto Feliz: A história de uma colonização às margens do Rio Uruguai.** São Leopoldo: Rotermund, 1980.
- LANDO, Aldair Marli, BARROS, Eliane Cruxen. Capitalismo e colonização. Os alemães no Rio Grande do Sul. In: **Rio Grande do Sul: imigração e colonização.** Porto Alegre: Vozes, 1980. p. 46.
- MARTORANO, Dante. Desbravadores do oeste catarinense. In: Revista do IHGSC, 3 (4). Florianópolis, 1982/83.

- MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil**. Florianópolis: UFSC, 1985.
- MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 107
- PESAVENTO, Sandra J. **História do Rio Grande do Sul** 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- PIAZZA, Walter. **A colonização de Santa Catarina**. 2.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1988
- PRADO JR., Caio. **História econômica do Brasil** 12.ed. São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 19.
- RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico no oeste catarinense**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. p. 117.
- _____. As representações da colonização, no oeste catarinense, a partir dos brasileiros. In: **Cadernos do CEOM**. Chapecó: FUNDESTE, 5 (7), 1991.
- SEYFERTH, Giralda. **A colonização Alemã no Vale do Itajaí Mirim: um estudo do desenvolvimento econômico**. Porto Alegre: Movimento, 1974.
- SILVA, José W. **O oeste catarinense: memórias de um pioneiro**. Florianópolis: Edição do autor, 1987.

DEPOIMENTOS ORAIS OBTIDOS PELO AUTOR

- Entrevista com HOSS, Ervino. São Carlos/SC 12/01/91
- Entrevista com HOSS, Marta Tereza. São Carlos em 12/01/91.
- Entrevista com KOEHLER, Elsa Weber. Três Pinheiro - Palmitos 18/01/91.
- Entrevista com KOEHLER, Rodolfo. Três Pinheiros - Palmitos, 18/01/91.
- Entrevista com KUSSLER, F. Palmitos, 19/01/91.
- Entrevista com LAZARI, F. Santa Lúcia - Caibi 17/01/91
- Entrevista com MEES, G. São Carlos 11/01/91
- Entrevista com RIZZI, C. Santo Antônio - Caibi, 15/01/91.
- Entrevista com RODOÍ, P. Caibi, 15/01/91
- Entrevista com ROVERSI, Sabina. Santo Antonio - Caibi - 15/01/91.
- Entrevista com SANTOS, Maria A. dos. Ilha Redonda - Palmitos, 18/01/91.
- Entrevista com SCHEICHER, R. Baixo Aguinhas - São Carlos, 10/01/91.
- Entrevista com SEBASTIANI, Pedro. Linha Moraes - São Carlos 09/01/91
- Entrevista com SEHNEM, O. Cunhataí, 09/01/91
- Entrevista com SILVA, J. Riqueza, 16/01/91
- Entrevista com THESSING, Arthur. Pratas - São Carlos, 11/01/91
- Entrevista com ZIMMER, Otto. Riqueza, 16/01/91